



O POVERELLO

Ano I - nº IV – Setembro 2016

Amados irmãos e irmãs, Paz e Bem.

O editorial de nosso boletim informativo deste mês tem por tema: Francisco e a Bíblia. A Bíblia ocupou um lugar de destaque na vida e nos escritos de São Francisco. Ela está na raiz de sua conversão; é o estímulo na vocação de seus primeiros seguidores e o acompanha durante toda a sua vida; é a base das suas pregações, de seu projeto de vida e seus escritos.

Francisco não foi só um mero ouvinte da Palavra de Deus, mas encarnou de tal forma esta Palavra que todos os seus gestos e feitos expressavam o Verbo Encarnado. Gerou este Verbo da Vida no seu coração assim como Maria o gerou no coração e no seu ventre, tornando-se candeieiro a alumiar várias ruas e praças do coração humano.

Irmãos e irmãs, deixemo-nos ser atingidos por esta Palavra a ponto de darmos testemunho com o nosso modo de ser e agir, transmitindo Cristo ao mundo.

Paz e Bem!

Nesta edição

O Evangelho é nossa vida	02
Formação	04
Franciscanamente falando	
<i>Por Maria Helena C. Trindade, OFS.</i>	05
“Teologia em comunidade”	
<i>Por Frei João Rogério Filho, OFMConv.</i>	06

“Focus” nas Vocações	
<i>Por Frei Mayko Ataliba, OFMConv.</i>	07
Testemunho vocacional	
<i>Por Frei Marcus Orlando, OFMConv</i>	08
Acontecimentos...	10
Indicamos aos nossos amigos	13
Celebramos na sua intenção	14

A FORÇA SACRAMENTAL DA PALAVRA DE DEUS¹

“Assim como a chuva e a neve descem dos céus e para lá não tornam sem fazer brotar a semente e garantir o pão a quem tem fome, assim será a palavra que sair da minha boca; ela não voltará para mim vazia, antes fará o que me apraz” (cf. Is 55, 10-11).

A “Palavra é viva e eficaz” (cf. Hb 4,12-13). Este texto rico e singular, garante-nos que a Palavra tem a força que transcende o nosso modo de pensar e que ocupa nossa história, espaço e tempo. A força que tem um nome e é uma pessoa que manifesta o rosto misericordioso do Pai. É a própria palavra do Pai encarnada, Jesus Cristo.

Por ser Palavra encarnada do Pai, os atos e as palavras de Jesus têm força de salvação, são palavra redentora, possuem força sacramental: “Ele é a vossa palavra viva, pela qual tudo criastes” (Cf. Prefácio da Oração Eucarística II).

A Palavra eterna não se exprime primariamente num discurso, em conceitos ou regras; mas vemo-nos colocados diante da própria pessoa de Jesus. A sua história, única e singular, é a palavra definitiva que Deus diz à humanidade. Daqui se compreende por que, “no início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, um rumo decisivo” (*Verbum Domini*, n. 11).

A liturgia é o lugar privilegiado onde Deus fala-nos no momento presente: fala hoje ao seu povo que escuta e responde. Cristo de tal modo está presente na sua Palavra que, na Igreja, quando se proclama a Sagrada Escritura, é Ele mesmo quem fala (Cf. *Sacrosanctum Concilium*, n.7). Desse modo, a Palavra é considerada momento de atuação e atualização do mistério de Cristo.

A palavra de Deus é comunicação de salvação, enquanto proclamação eficaz da economia divina. A palavra, atuada e atualizada no hoje da nossa salvação, é também a revelação da ação potente do Espírito Santo. A presença de Cristo é vista como presença pessoal e dinâmica no seu mais profundo mistério.

A palavra é comunicação e ação – não apenas transmissão de mensagem – pois possui uma força eficaz que garante, atualiza e dá vida. Assim, a Palavra de Deus não é um conjunto de frases ocas, vagas e estéreis, ‘que entram por um ouvido e saem pelo outro’ sem causar impacto de conversão na vida daqueles que a escutam. Se não existe impacto, talvez estamos escutando e aprendendo “palavras” que não estão nos ajudando a entrar numa relação profunda com a Palavra eterna de Deus.

¹ Artigo publicado: MARQUES, L.F. *A Força sacramental da Palavra de Deus*, in: Revista de Liturgia 253 (jan/fev 2016) 25-26.

A ritualidade que acompanha a Liturgia da Palavra, sobretudo na proclamação do Evangelho, é expressão clara da força sacramental desta Palavra. O presidente da celebração, após proclamar o Evangelho e beijar o livro sagrado, reza em silêncio: “que as palavras do Santo Evangelho perdoem os nossos pecados”. Nesta oração, podemos perceber claramente a força de salvação, e por isso, sacramental, da Palavra de Deus. De fato, é uma Palavra viva e eficaz.



A palavra de Deus se faz carne sacramental no evento eucarístico e realiza plenamente a Sagrada Escritura. A Eucaristia é o princípio hermenêutico da Escritura e a Escritura é a iluminação e explicação do mistério eucarístico. Tanto a Escritura quanto a Eucaristia são “pão de vida”, segundo a bela expressão conciliar: “é preciso nutrir-se do pão de vida seja na mesa da palavra de Deus seja na mesa de comunhão com Cristo” (Cf. *Dei verbum*, n.21).

Alimentada nessas duas mesas, a Igreja, por meio da Palavra de Deus, instrui-se mais, pois anuncia a aliança divina e, pela Eucaristia, santifica-se plenamente, pois renova esta mesma nova e eterna aliança. Numa, recorda-se a história da salvação com palavras e na outra a mesma história se expressa por meio de sinais sacramentais da Liturgia. Portanto, convém lembrar sempre que a Palavra divina, que a Igreja lê e anuncia na Liturgia, conduz, como a seu próprio fim, ao sacrifício da aliança e ao banquete da graça, isto é, à Eucaristia (cf. ILM, n. 10).

Ainda que esta Palavra tenha penetrado em nosso coração uma única vez na vida, essa vez nos garantiu a compreensão da salvação e a permanência na busca e proclamação desta salvação. **Sendo assim, a Palavra de Deus “penetra”, “rompe” e “fundamenta” a vida cristã.**

Tudo o que a Igreja é nasce da relação com esta Palavra. Isso não significa que ela depende, em primeiro lugar, do “significado” das palavras, nem da explicação de todos os seus aspectos, pois isto seria justificar a Palavra e não se deixar justificar por ela.

Na verdade, esta palavra é tão forte, tão doce e inebriante, que sempre mexe com toda a Igreja, sua ordem e seus programas, suas boas intenções e suas perspectivas. A Palavra da Escritura torna-se vida fazendo-se corpo nas palavras do sacramento. Dessa forma, ela foge de uma pretensão “gnostica” de dominar o texto que, quando não é mais Palavra, é somente “significado”, podendo tornar-se prisioneira de quem lê, deixando de ser texto inspirado, e tornando-se ideologia, fundamentalismo e relativismo².

Assim, a relação entre o texto sagrado e a assembleia litúrgica da Igreja não é somente de atualidade, mas também de identidade; não é apenas hermenêutico, mas simbólico. De fato, o texto em questão não é leitura de um poema ou de uma oração para alimentar a vida cristã e espiritual, mas leitura de textos que fundamentam a identidade cristã.

A Palavra, Evangelho encarnado na liturgia da vida, nos convida, antes de tudo, a responder a Deus que nos ama e salva, reconhecendo-O nos outros e saindo de nós mesmos para procurar o bem de todos. Desse modo, a força sacramental da Palavra pode fortalecer a nossa vida cristã, garantindo eficácia, ajudando-nos a “pensar com o coração”, fortalecendo nosso testemunho e nossa fidelidade à comunidade que encontra sua plenitude na celebração comum da Palavra e do Sacramento. A Palavra possui a força sacramental que transcende o nosso modo de pensar.

Frei Luis Felipe Marques, OFMConv..

² Cf. A. GRILLO, *Il lavoro della Parola nella liturgia: verità dimenticate ed evidenze sospette*.

BÍBLIA, PALAVRA AMOROSA DE DEUS

A CNBB dedica o mês de setembro à Bíblia. O propósito da Igreja com tal dedicação é, sobretudo, chamar nossa atenção para a importância de termos um encontro pessoal com a Palavra de Deus que se comunica conosco através deste santo livro. Promovendo a Sagrada Escritura, a Igreja quer promover sempre a Palavra de Deus, o Verbo feito carne.

Sem embargo, a Palavra de Deus de modo algum se restringe ao conjunto material de livros que chamamos Bíblia. Antes, e sobretudo, tal Palavra é Deus mesmo desde a eternidade³. Ela é o Princípio das obras de Deus⁴, é Deus nascido de Deus na unidade do Amor que é o mesmo Deus. Como professamos no Credo, esta Palavra é Deus de Deus, Luz da Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro; é Gerada, não criada; é Consustancial ao Pai⁵. Mais ainda, Sua plenitude se aprofunda no Abismo divino de tal forma que Nela habita a plenitude mesma da divindade⁶. Compreendê-la plenamente de modo a esgotá-la é impossível, pois Ela é o próprio abismo da riqueza, da sabedoria e da ciência de Deus⁷.

Surpreendentemente, porém, este Abismo da Riqueza de Deus dignou-se esvaziar-se de sua glória e fazer-se carne⁸ a fim de dialogar com o homem. São Paulo contempla maravilhado o mistério escondido desde todos os séculos: a revelação da insondável riqueza de Deus em Jesus Cristo, Verbo de Deus feito carne para encabeçar todas as coisas segundo a decisão prévia que o Pai tomou para levar o tempo à sua plenitude⁹. A Igreja, hoje, contempla também maravilhada o mistério da autocomunicação de Deus em sua Palavra encarnada. Ele veio habitar entre os homens como homem, veio morar no coração de cada homem a fim de que o homem, unindo-se a Ele e seguindo-O, pudesse ser curado e participar da vida divina, do diálogo amoroso com Deus. O Vaticano II, na Constituição Dogmática dedicada à Palavra de Deus (Dei Verbum), destaca justamente que Deus se revela a Si mesmo falando aos homens como a amigos e convidando-os à comunhão consigo¹⁰.

Eco destas palavras podem ser encontrados na Exortação Apostólica Pós-sinodal *Verbum Domini*, do Papa Emérito Bento XVI¹¹. Eis, portanto, aquilo para o que a Igreja nos chama neste mês: o Mistério escondido pelos séculos, mas revelado na plenitude dos tempos: Deus feito carne para nos chamar à participação na sua vida, para que possamos nos alegrar com Ele naquela alegria que, como nos ensina o Papa Francisco (EG 1 – 3), é alegria do Evangelho que Ele mesmo é. Se soubermos mergulhar nesta experiência, certamente descobriremos que a Bíblia, mais do que um simples livro, é um lugar privilegiado por meio do qual podemos ouvir a Palavra amorosa de um Deus que, numa humildade sublime, dignou-se vir morar conosco.

Frei Wagner Faustino, OFMConv.

³ Ef 1, 3-14; Jo 17, 24

⁴ Jo 1, 1-3

⁵ Credo Niceno-constantinopolitano

⁶ Cl 2, 9

⁷ Rm 11, 33

⁸ Fl 2, 6-7

⁹ EF 1, 9-10

¹⁰ DV 2

¹¹ VD 2

FRANCISCO E A BÍBLIA

No seu Testamento, São Francisco de Assis revela: Depois que o Senhor me deu o cuidado dos irmãos, ninguém me ensinou o que devia fazer; mas o mesmo Altíssimo me revelou que devia viver segundo a forma do Santo Evangelho. Viver segundo o Evangelho, para Francisco, constitui-se em uma vida absolutamente voltada para o seguimento de Cristo, não como imitação exterior, mas, sim, como profunda vivência interna, pessoal, individual da centralidade de Cristo na vida.

Diz-se que não houve sequer um dia que Francisco tenha passado sem ler ou ouvir, atentamente, uma passagem do Evangelho. Sua profunda intimidade com a Bíblia, especialmente com o Novo Testamento, e, mais ainda, com os quatro Evangelhos, fez do “viver na forma do Santo Evangelho” o fundamento da espiritualidade franciscana secular e religiosa.

Bem conhecemos a passagem da Primeira Vida de São Francisco, na qual Tomás de Celano narra que, na Festa de São Matias, Francisco vai à igreja de Santa Maria dos Anjos, onde participa da missa e ouve a passagem do envio dos apóstolos. No fim da missa, Francisco dirige-se ao sacerdote, pedindo-lhe uma explicação da passagem que ouvira. Recebida a explicação, ele exclama cheio de alegria; É isto que eu quero, é isto que eu procuro, é isto que eu desejo fazer de todo o coração. A partir desse episódio, para descobrir a vontade de Deus para si e seus companheiros, recorria, frequentemente, aos evangelhos. Outro argumento que reforça nossa certeza da intimidade de Francisco com a Palavra de Deus, constata-se em vários de seus escritos, sobretudo suas Exortações, que são verdadeiros comentários espirituais de passagens dos evangelhos.

Conforme expresso no número 4 da Regra da Ordem Franciscana Secular (OFS): A Regra e a vida dos franciscanos seculares é esta: observar o Evangelho de Nosso Senhor Jesus

Cristo segundo o exemplo de São Francisco de Assis, que fez do Cristo o inspirador e o centro da sua vida com Deus e com os homens. (...) Os franciscanos seculares se empenhem, sobretudo, na leitura assídua do Evangelho, passando do Evangelho à vida e da vida ao Evangelho. Em síntese, “observar o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo” é o conteúdo e o objetivo da vida para todos os irmãos e irmãs franciscanos.

Como fazemos isto? Criando intimidade com o Cristo pela leitura e escuta assídua da Palavra de Deus para praticá-la no ordinário da vida. Internalizando a palavra, devemos nos comprometer a cumpri-la, como um fiel seguidor de Cristo. Devemos partir da vida, de nossa realidade, com seus problemas, e buscar, no Evangelho, a iluminação necessária, inspiradora em atitudes práticas. Observar o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo São Francisco de Assis, não se limita a guardá-lo e conservá-lo em nossos corações e mentes pela leitura e meditação constante, mas implica também colocá-lo em prática como norma e itinerário da nossa vida diária, vivenciar com fidelidade e amor irrestrito, em busca de uma vida transformada, permitindo o nascimento de um homem novo, de uma mulher nova em Cristo.

O seguimento de Cristo não consiste em falar piamente da vida Cristo, ter sobre ela meditações tocantes, mas sim que ponhamos os olhos em Cristo e, incentivados pelos ensinamentos do Santo Evangelho, imitemos Jesus Cristo até nos configurarmos a Ele. Assim procedeu, com simplicidade e fidelidade, nosso Seráfico Pai São Francisco, pois compreendeu, no seu íntimo, que o Evangelho é Cristo.

Maria Helena C. Trindade. OFS

A linguagem sobre o Espírito Santo no Tratado de Basílio de Cesareia

Desde que ingressei no curso de Teologia sempre me questioneei sobre a pessoa do Espírito Santo. Ainda que não restasse dúvida sobre a sua divindade, não conseguia elaborar uma explicação a respeito da terceira pessoa da Santíssima Trindade que não se baseasse nos misticismos, devocionalismos, pieguismos; ou que não beirasse o cristomonismo, isto é, a exaltação do Filho e uma subordinação da pessoa do Espírito, considerando-O assim apenas enquanto em função de Cristo.

Ao estudar a história da Igreja, bem como a Patrologia e a Pneumatologia, notei que esta dificuldade pessoal foi, na verdade, também uma grande querela dos primórdios da Igreja, mais precisamente no século IV, devida principalmente ao surgimento das heresias pneumatistas, ou seja, heresias a respeito da divindade do Espírito Santo.

Surge, portanto, neste período, a importância de se estabelecer uma linguagem. Esta, por sua vez, se faz necessária devido aos inúmeros questionamentos, reflexões que feriam a experiência de fé do povo cristão e que geravam, por sua vez, uma divisão e uma confusão na vivência eclesial.

Sendo assim, diante de uma linguagem vigente profundamente marcada pela filosofia, onde se buscava pôr em conceitos aquilo que o homem captava no mundo e transferi-lo para Deus, me deparei em meus estudos com as labutas dos Padres da Igreja em explicar a fé da comunidade por meio da criação de uma nova linguagem que estabelecesse uma ortodoxia cristã e revelasse, de fato, a experiência de fé já vivida e já celebrada pelo povo.

Embora para nós hoje, homens contemporâneos, seja muito cômodo aceitarmos as realidades divinas e os conceitos teológicos de forma muito sistemática, dado toda a construção já elaborada e fixada, para os primeiros séculos do cristianismo esta atividade foi uma verdadeira expressão de fé e de amor à Igreja.

Basílio de Cesareia, um dos padres Capadócijs e cognominado de Magno pela sua defesa incansável à fé da Igreja, é conhecido como o artesão da linguagem pneumatológica, principalmente pela elaboração do seu tratado sobre o Espírito Santo, onde ele irá rebater todas as heresias que afirmavam que o Espírito Santo não é Deus, mas um anjo, ou que refletiam a respeito de uma hierarquia nas pessoas da Santíssima Trindade, determinando assim que o Espírito Santo, por ser o terceiro, também em grau de importância era o terceiro.

Basílio conseguiu definir, por meio de uma linguagem sistemática, a diferença entre os termos gregos usados, fazendo compreender que em Deus há uma só essência e três pessoas e que, portanto, o Pai, o Filho e o Espírito Santo são um só Deus.

Diante disso, de uma inquietação por não saber apresentar explicações razoáveis a respeito do Espírito Santo, fui buscar no século IV de nossa Igreja e resgatar uma riqueza insondável que deveria (e deve) ressoar ainda hoje em nossos ouvidos e em nosso coração.

A VOCAÇÃO NA BÍBLIA

A vocação, quando diz respeito às Sagradas Escrituras, significa um chamado de Deus a uma pessoa. Quem chama por primeiro nos textos bíblicos é Deus. Mas, quando Ele chama alguém, Ele dirige uma missão bem específica ao vocacionado e o capacita para correspondê-Lo.

Podemos dizer que o primeiro chamado de Deus é à vida. O mesmo se concretiza já no seu primeiro ato da criação, no qual, pela sua Palavra, Ele cria e organiza todas as coisas (Gn 1 – 2). Ao criá-las, Deus vê que toda a criação é boa (cf. Gn 1, 4.10.12.18.21.25.31).

A partir desse momento, Deus mesmo dialoga com a sua criação: Deus que chama Adão para cooperar na sua obra criada pela fecundidade de sua espécie e pelo cuidado da criação (Gn 1, 28ss); Deus que constantemente chama o homem à observância da Aliança após a queda do pecado (chamado tal que perpassa todo o Antigo Testamento); Deus que chama os homens para a conversão de vida e a crer no evangelho de Jesus (Mt 4,17), etc.

Ao olharmos com mais atenção os textos bíblicos, encontraremos vocações que são exemplares, nas quais os vocacionados se mostraram solícitos em responder ao chamado divino mesmo quando se sentiam incapazes de cumpri-lo. Uma das maiores figuras bíblicas desse chamado no Antigo Testamento é Abraão (Gn 12, 1-5). Ele é surpreendido por um chamado inusitado e muito tentador, mas ao mesmo tempo, não muito favorável à sua possibilidade: Deus o chamou para sair de sua terra a fim de ganhar prosperidade e de ganhar uma terra, mas a sua situação não favorecia em nada a con-

cretização dessa promessa, dado que sua esposa, Sarai, era estéril (Gn 11,30), e sua moradia pertencia à sua parentela (Gn 12,1). Contudo, foi a sua fé em Deus que o levou a alcançar, pouco a pouco, as promessas divinas.

Vários outros homens e mulheres foram vocacionados por Deus na Bíblia, como Moisés (Ex 3), os profetas, os discípulos de Jesus e vários outros. Cada um dos vocacionados bíblicos passou por uma experiência própria. Eles sentiram também as dificuldades que advêm do chamado, mas Deus mesmo sempre os auxiliou para superá-las a fim de seguir o Seu caminho.

Se, porém, olharmos com mais atenção para os textos bíblicos, entenderemos que há uma pequena diferença entre o chamado no Antigo Testamento e no Novo Testamento. No Antigo, Deus elege o seu povo – não como privilégio – para ser sinal vivo da sua presença a todos os outros povos (Dt 7,6). Os chamados individuais têm como finalidade o ato de convocar o seu povo para esse caminho, concentrando todas as suas forças para observar a Aliança feita entre Deus e o povo de Israel (Gn 17).

No Novo Testamento, o chamado passa a vincular ao seguimento de Jesus. O Senhor convoca cada um de seus discípulos com sua palavra “segue-me” (Mc 2,14). Esse chamado particular é um convite para o discipulado, o qual consiste em seguir os passos de Jesus, “ir atrás”, colocar-se a disposição de fazer conforme a Sua vontade. Isso significa que o chamado de Jesus exige uma adesão à Sua pessoa.

Com tudo isso percebemos que o discípulo cristão exige um trabalho todo especial da parte do vocacionado, pois, ao ouvir o chamado de Deus, o vocacionado assume, no mesmo instante, a sua cruz (Mt 16,24; Mc 8,34; Lc 9,23), e se dispõe a morrer como o seu Senhor. No entanto, o Seu chamado é livre ("Se quiseres"); Ele não Se impõe ao vocacionado.

Ao olhar a vocação de cada um dos discípulos de Jesus, encontraremos pessoas comuns que muitas vezes não compreendiam os seus ensinamentos, mas que, com a ação do Espírito Santo em Pentecostes (At 2,1-13), foram capazes de assumir o projeto da instauração do Reino dos Céus no mundo inteiro (Mt 28,19-20).

Contudo, é Maria, Mãe de Deus, o maior exemplo de vocação de toda a Bíblia (cf. Lc 1,26-38), ela, que numa situação simples, assumiu uma grande responsabilidade de conceber o Redentor da humanidade sabendo dos riscos que poderiam surgir de tal resposta (cf. Mt 1,18-25). De modo algum ela hesitou em aceitar essa responsabilidade; antes, se fez pronta para servir.

Assim, diante de tantos exemplos vocacionais, possamos, a exemplo da Virgem Mãe de Deus, ouvir a voz de Deus e seguir constantemente os Seus passos conforme à Sua vontade.

Frei Mayko Ataliba, OFMConv.



Durante a minha infância, meus pais não eram muito de ir a missa, mas cresci sendo educado nos valores da fé cristã. Apesar de no início não sermos uma família inserida na Igreja, a palavra “Deus” e a palavra “de Deus” foi sempre muito presente na nossa casa. A singela devoção mariana de minha mãe, herança de minha vó, foi a primeira escola de fé da nossa “igreja doméstica”. Essa educação permaneceu, mesmo quando meu pai passou a frequentar uma igreja protestante desejando até se tornar pastor, mas depois desistiu tanto da ideia de ser pastor quanto de ser protestante.

Até os meus 13 anos de idade, ainda não havia despertado em mim nenhum tipo de interesse especial pelas coisas da Igreja. Minha mãe bem que tentou me matricular na catequese quando eu tinha 10 anos, mas eu teimei em fazer a escolinha de futebol, que acontecia no mesmo horário da catequese. Desse modo, como todo adolescente daquela época, o meu negócio era jogar bola na rua, paquerar as meninas na escola, jogar vídeo-game e ouvir música. Enquanto isso, meus pais trabalhavam o dia todo fora de casa, batalhando muito pela vida da nossa família.

O meu acolhimento vocacional para vida religiosa começa a florescer significativamente quando, na fase dos meus 12 anos, minha família teve que se mudar para o P-norte. Ali, por intermédio dos meninos que eram meus vizinhos de rua, comecei a ir para a Igreja sem o acompanhamento de meus pais, que aliás nessa época andavam um tanto distanciados do ambiente de igreja. Conheci, então, a paróquia São Marcos e São Lucas, os frades conventuais e a alegria daquela comunidade franciscana. Lembro que a atmosfera daquela paróquia era bastante movimentada e animada pela força e criatividade dos jovens. Nessa época, eu já gostava muito de música e, ali, naquela comunidade, a música era um dos principais instrumentos de evangelização. Aos poucos, fui me afeiçoando àquele espaço, àquelas pessoas. Conheci novos amigos, dentre os quais um convidou-me para fazer parte do grupo de teatro “Altas Montanhas”. Esse grupo de teatro, que encenava a peça de natal e a via-sacra, foi o primeiro grupo católico do qual eu participei na Igreja. Depois, finalmente, entrei para catequese e fiz a minha primeira comunhão. Daí em diante, não mais parei de estar envolvido com as coisas da Igreja; participei até do grupo de coroinhas e fiz vários encontros de grupos jovens.

Depois de uns dois ou três anos participando da vida da igreja, sempre presente nas missas dominicais e, de vez em quando, nas semanais (porque durante a semana eu ficava mais na porta da Igreja do que dentro), conheci um pessoal da Igreja, um grupo discreto de pessoas muito trabalhadoras. Esse grupo se chamava “equipe de retiro”. Ele muito me ajudou a despertar para o seguimento de Jesus na vida religiosa. Conheci-os por meio de um amigo que fazia parte (comigo) de uma turma que levava a fama de ser bem barulhenta (a turma da igreja que gostava de rock). Ele foi chamado para fazer um retiro de silêncio e acabou convidando também a mim e a outros amigos dessa mesma turma para irmos a este retiro. Pra dizer a verdade, nós nem sabíamos o que era um retiro. Fomos mais pela curiosidade e pela diversão de estarmos entre amigos do que por qualquer outra coisa. Aquele retiro do silêncio de 11 de junho de 2004 foi um estalo na minha vida. Despertou-me para relação pessoal com Jesus Cristo. Depois disso, muitas reflexões vieram: fiz uma bela experiência de namoro, concluí o segundo grau, tive o meu primeiro emprego, e, em tudo isso, o meu discernimento vocacional foi sendo amadurecido. No dia 01 de fevereiro de 2010, aos 21 anos de idade, deixei a casa de meus pais e ingressei no discipulado de Jesus Cristo como modo de vida franciscana, da qual faço parte até hoje.

No dia 02 de agosto, festa franciscana de Santa Maria dos Anjos, toda a Ordem seráfica celebrou os 800 anos do Perdão de Assis. Nossa província celebrou esta festa no Convento e Seminário Santa Maria dos Anjos em Santa Maria – DF. Depois da missa, presidida por nosso Ministro Provincial e concelebrada por vários de nossos frades que estão presente nessa região, o Seminário ofereceu uma deliciosa janta. Além da presença dos frades, também estiveram presentes a OFS, amigos e benfeitores da nossa província.



No dia 07 de agosto, foi realizado o **XX Canta Jardim** no Santuário Jardim da Imaculada. Foi um dia de muita alegria, oração e fraternidade para os vários fiéis que passaram por este evento realizado pelos Frades. No fim do dia, depois das pregações e shows, foi celebrada a missa de encerramento do evento pelo bispo de Anápolis –GO, Dom frei João Wilk, OFMConv.





Cantores de Deus



Camila Holanda



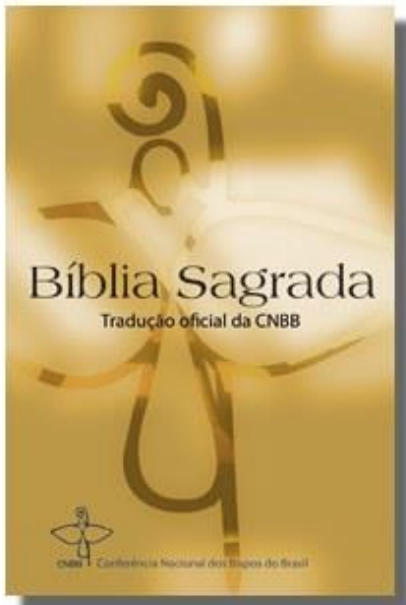
Ministério Romanos e Fr. Hoslan

No dia 11 de agosto, Festa de Nossa mãe Santa Clara, os frades do seminário se dividiram em dois grupos para festejar este dia com as nossas Irmãs Clarissas no Mosteiro de Santa Clara do Deus Trino. Pela manhã, foram os frades do 1º, 2º e 3º anos, e a missa foi presidida por Frei Lanoil OFM.Conv, que é o atual diretor espiritual das Clarissas. À noite, o 4º ano foi celebrar a festa, e o presidente da celebração foi o Senhor Arcebispo de Brasília Dom Sergio da Rocha.



Pelo fato de, neste ano, o dia de São Maximiliano Kolbe, 14 de agosto, ter caído em um Domingo, os frades celebraram a festa do Padroeiro da nossa Província no dia 15, no Santuário Jardim da Imaculada. A missa foi presidida pelo Frei Mieceslau Tlaga, OFMConv. Depois da celebração, foi oferecido um almoço para todos que estavam presentes. Queremos destacar a presença do bispo coadjutor da Diocese de Luziânia, Dom Waldemar Passini, dos membros OFS e de nossos amigos e benfeitores.





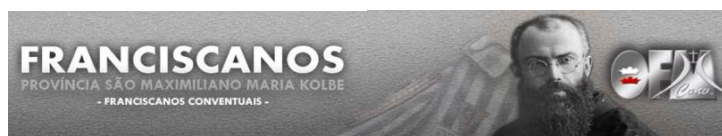
Fidesbook Brasil

Fidesbook Brasil – Canal de vídeos evangelizadores do Seminário São Francisco de Assis (Ordem dos Frades Menores Conventuais – Província São Maximiliano Maria Kolbe – Brasília/DF_ <https://www.youtube.com/channel/UC-hQF1c4ljzYrFI3WOJTZzw/videos>,

Acesse também:



<http://w2.vatican.va/content/vatican/pt.html>



<http://franciscano.org.br/>



<http://www.isb.org.br/>

FRADES

- Frei José Nasareno de S. Santos
- Frei Janusz Danecki
- Frei Israel Fernando da S. Sobrinho
- Dom Frei João Wilk
- Frei Jailton Raimundo Docílio
- Frei Vogran Leluia dos Santos
- Frei José Roberto de Carvalho
- Frei Rafael Pinheiro Normando
- Frei Gilberto de Jesus Rodrigues

OFS

- Ely dos Santos Pinheiro
- Israel Testa
- Marcos Chagas Gomes
- Maria Helena Campos Trindade
- Maurio Izidório da Silva

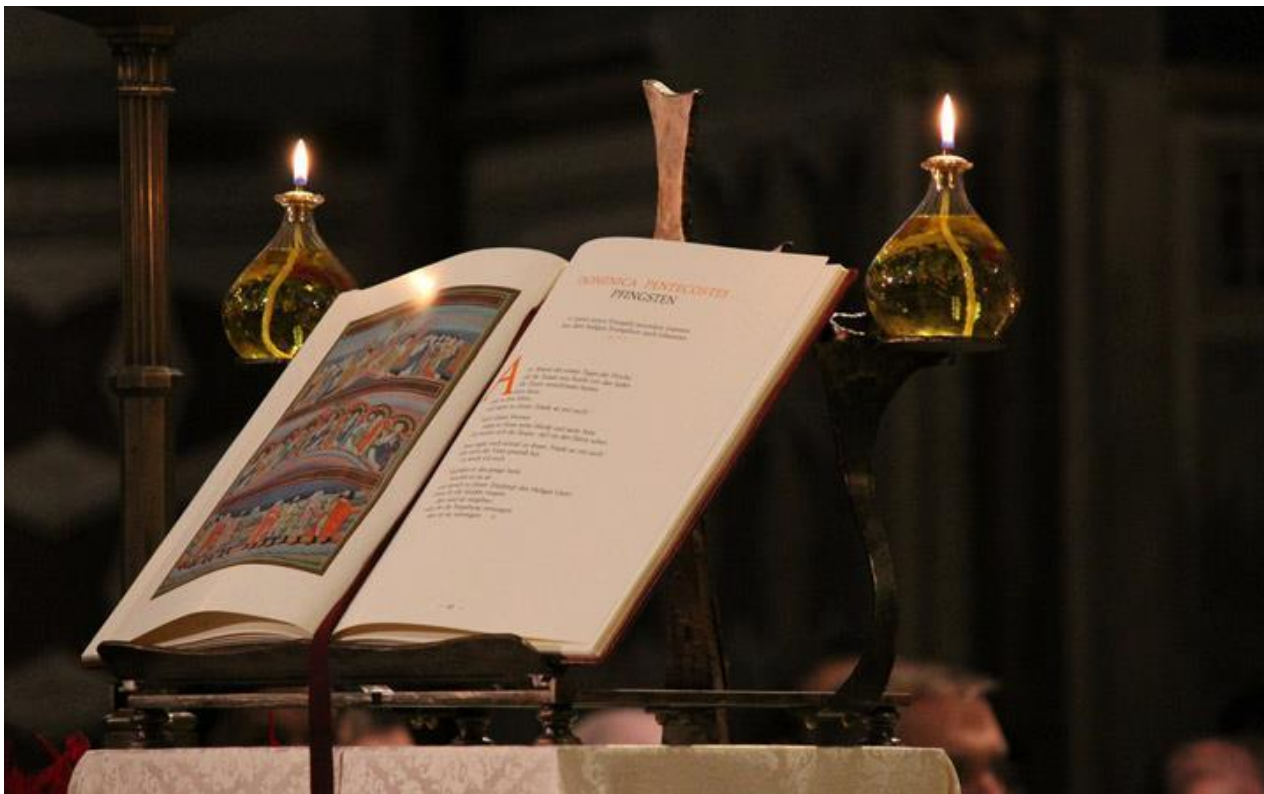
AMIGOS E BENFEITORES

- Lucy dos Prazeres Mendes Fernandes
- Maria Miraci
- Luiz Miguel Santiago Souza
- Maria Elizabeth Dreher Vanzan
- Marcelo Souza Dutra
- Brenda Chacon Silvério
- Nilo Chacon Silvério
- Dayane Alcantâra Parente Farias
- Daniella Nunziato
- Eliane Feitosa Bittencourt
- Eva Soares Lima
- Francisco de Assis da Silva
- Filomena José de Almeida
- Cícera Santos Lima Pereira
- Jussara Azevedo Gonçalves
- Janizia Areda de Abreu
- Carolina Fenner Santos
- Ícaro Matos de Sousa
- Marcos Chagas Gomes
- Ana Karina Fortunato

**“Tua vida é um dom de alegria e festa
Cantada com esplendor, com amor e graça”
(Amizade tão bela – C. Shalom)**

Feliz dom da vida!

Parabéns!



*“Quanto mais soubermos colocar-nos à disposição da Palavra divina, tanto mais poderemos constatar como o mistério do Pentecostes se está a realizar ainda hoje na Igreja de Deus. O Espírito do Senhor continua a derramar os seus dons sobre a Igreja, para que sejamos guiados para a verdade total, desvendando-nos o sentido das Escrituras e tornando-nos anunciadores creíveis da Palavra de salvação”
(Verbum Domini 123).*

**Que Deus e a Santíssima Virgem Maria
vos abençoe e vos guarde!**

Paz e Bem!

Colabore conosco!

SEMINÁRIO SÃO FRANCISCO DE ASSIS
MISSÃO KOLBE

Banco do Brasil
Agência. 0452-9
Conta Corrente. 44444-8

Frei Luís Felipe C. Marques, OFMConv
Guardião e Reitor

